

Nosso vizinho, o apocalipse: mídia e educação ambiental em tempos de (in)cons/ciência

Lêda Valéria Alves da Silva

Sílvia Nogueira Chaves

Resumo

149

Os modos pelos quais a mídia produz e faz circular discursos e saberes em relação ao meio ambiente, por meio da ideia de consciência ambiental, são discutidos com base em ferramentas conceituais produzidas por Michel Foucault. Nosso objetivo é problematizar a consciência ambiental como um potente governo do corpo da população, assumindo “para si” a responsabilidade de guiar o “rebanho” rumo à redenção/salvação do planeta. Para tanto, são analisados documentários e charges que circulam na internet e aponta-se que o discurso midiático, ao instituir verdades que circulam entre pessoas, acaba por produzir modos de vida, ensinando, principalmente, como se deve agir diante daquilo que chamamos de destruição ambiental, por meio da educação ambiental.

Palavras-chave: ensino de biologia; meio ambiente; mídia.

Abstract

Our neighbor, the apocalypse: media and environmental education in times of (lack of)con/science

This research discusses the media's ways of producing and circulating discourse and knowledge on the environment through the notion of environmental awareness and employing Michel Foucault's conceptual tools. The aim is to problematize environmental conscience as a powerful ruler of the population, taking the responsibility to herd the "flock" towards the planet's redemption / salvation. In order to do so, documentaries and caricature drawings posted online are analyzed and it is indicated that the media discourse, by establishing truths that circulate among people, manages to produce ways of life; most of all, teaching how one should act face what we call environmental destruction, through environmental education.

Keywords: biology teaching, environment, media.

Resumen

Nuestro vecino, el apocalipsis: medios y educación ambiental en tiempos de (in) consciencia

150

Esta investigación discute los modos por los cuales los medios producen y hacen circular discursos y saberes en relación al medio ambiente por medio de la idea de conciencia ambiental, trabajando con herramientas conceptuales producidas por Michel Foucault. Nuestro objetivo es problematizar la conciencia ambiental como un potente gobierno del cuerpo de la población, asumiendo para sí la responsabilidad de guiar el "rebaño" hacia la redención/salvación del planeta. Para ello, se analizan documentales y caricaturas que circulan en internet y se apunta que el discurso mediático, al instituir verdades que circulan entre personas, acaba por producir modos de vida, enseñando, principalmente, cómo se debe actuar ante lo que llamamos destrucción ambiental, por medio de la educación ambiental.

Palabras clave: enseñanza de biología; medio ambiente; medios de comunicación.

Um minuto antes do fim do mundo...

Ser consciente é talvez um esquecimento...
(Fernando Pessoa)

Uma multidão se aglomera na porta do palácio de Tebas. Desesperados, rogam ao rei Édipo que os salve da miséria sanguenta que assola a cidade. Então, o rei envia Creonte, seu cunhado, ao oráculo em busca de respostas que abrandem a ira dos deuses. Ao retornar, Creonte explica que a única solução possível é encontrar o assassino do rei Laio, antecessor de Édipo, para que sua morte seja vingada. Somente assim Tebas estaria livre da sangria que a abatia.

Confiante na palavra do oráculo, o rei procura Tirésias, adivinho da cidade, para que diga o nome do assassino. Édipo ouve do adivinho que o assassino de Laio está mais próximo do que ele pensa e que seu destino era matar o pai e se casar com a mãe. Édipo fica enfurecido (desconhecendo que ele próprio é o assassino do pai). Com o desenrolar da tragédia, descobre-se que Édipo é responsável por todas as desditas de Tebas. Ele lamenta, sofre, amaldiçoa a si mesmo e, acima de tudo, culpa-se. Édipo, que não temeu a esfinge e seu enigma, agora receia aquilo de que supostamente não pode fugir, sua própria consciência. Atormentado pela culpa, nada pode diante do seu próprio eu.

Embora a tragédia edípiana seja usualmente pensada no âmbito do desejo, com base na perspectiva freudiana, é possível lê-la como um

[...] sistema de coações que sustenta, desde a Grécia, o discurso sobre a verdade e que se expressa a partir da exigência política, jurídica e religiosa de converter o acontecimento num fato conservado definitivamente por meio da comprovação das testemunhas. Édipo é, em síntese, uma história da verdade, em que há um crime que precisa ser desvendado e um criminoso a ser punido [...]. (Incerti, 2016. p. 545).

Essa história da verdade se repete e se desdobra por todo o Ocidente, convertendo diferentes acontecimentos em fatos passíveis de serem testemunhados e comprovados. Mas de que acontecimento/crime se fala aqui? Quem o pratica, quem o testemunha, o comprova e o julga?

Tal como em *Édipo rei*, quando se pensa nas ditas catástrofes ambientais, assassino e juiz são uma única e mesma personagem, o ser humano. Ao ver o homem derrubando a última árvore (mas tanto faz se arrancar um arbusto), matando o último panda que resta no mundo (quem se importa com a barata?), imediatamente sentimos um misto de vergonha de nós mesmos e otimismo, acionado por culpa e apelo para a tomada de consciência a fim de que (quem sabe?) possamos salvar o planeta de nós mesmos. Mas não foi qualquer consciência que assombrou Édipo. O abismo da culpa que sugou o rei é o mesmo que inferniza os supostos destruidores da natureza, a má consciência, aquela que o homem inventou para julgar ao interiorizar o eu (Nietzsche, 2014). *Penso, logo tenho consciência de minha culpa!*

Descartes bem sabia disso e a herança do “penso, logo sou” se coloca como a evidência do pensamento, ou seja, temos a segurança de que o pensamento existe,

de que temos posse dele (Marton, 2001). Então, o homem é um sujeito que pensa, tem consciência de que pensa. A consciência é, portanto, aquilo que levaria à essência das coisas tal qual se apresentam à nossa percepção, a absoluta certeza de que eu existo e dirijo meus atos.

Descartes (1973) inventa, então, uma ideia dualista de que há um eu pensante, pelo qual se chega à realidade exterior, e uma extensão (corpo), que sofre influência do mundo sensível, que é enganoso, logo, é melhor não se fiar naquilo que te engana, mas sim na consciência, porque ela mostra a verdade das coisas. Assim, o filósofo não admite os sentidos como fonte de conhecimento, pois isso cabe fundamentalmente ao sujeito (Silva, 2006). Não há, pois, lugar para o menor indício de dúvida, incerteza, fantasia, ficção, mas tem muito espaço para culpa, ressentimento, medo, terror, paralisia.

O projeto cartesiano, fundamentado na "auto inspeção do eu recluso em si mesmo" (Onate, 2000, p. 23), ao adotar o pensamento como critério de realidade, conferiu ao sujeito unidade e permanência. Consciência, para Descartes, é a medida da realidade. Só o que pode ser pensado com clareza pode existir. Assim, "abstraída de seus conteúdos mentais, a consciência percebe-se em sua identidade e simplicidade, colocando-se como condição *sine qua non* de toda e qualquer representação" (Onate, 2000, p. 25).

Nietzsche se contrapõe ao modelo de representação cartesiano. Na visão nietzschiana, não existem duas substâncias tal como pensou Descartes, pois o "corpo é uma totalidade que contém a consciência como um instrumento de sua organização" (Barrenechea, 2009, p. 55). Não há dualidade metafísica em relação ao corpo, porque a consciência é fruto de atividade orgânica, portanto corporal. Para ele, é preciso suspeitar da ideia de que a consciência é o que o homem possui de mais elevado, afirmando que "o problema do ter-consciência (mais corretamente: do tomar-consciência-de-si) só se apresenta a nós quando começamos a conceber em que medida poderíamos passar sem ela" (Nietzsche, 2014, p. 222-223).

Assim, não é legítimo afirmar para a consciência nenhum lugar eminente, uma vez que o ato de pensar não necessita de espelhamento. Então, para que consciência? A consciência do homem, diferente do que queria Descartes, é utilitária. Ela surge da necessidade de comunicação, na existência do outro, de "saber" (Nietzsche, 2014). É tão somente um meio de comunicação para lembrar que ameaçados, precisamos de proteção; que culpados, precisamos de punição; que errados, precisamos de conserto.

Desse modo, a consciência é gregária, pois não pertence à existência individual do homem. Assim, Nietzsche nos propõe que o que sabemos ou pensamos que sabemos depende dos interesses de cada comunidade, ou melhor, daquilo que é comum, a linguagem. Sendo assim, a consciência é um fenômeno de linguagem, não de realidade. É o que há de mais raso no homem moderno, mas nem por isso o impede de afundar, pois a utopia planetária faz com que percamos definitivamente a autonomia. Neste caso, diferentemente de Édipo, não precisamos furar os olhos, basta educar o olhar.

A dita consciência ambiental é uma dessas utopias que buscamos alegremente alcançar/ensinar em nossos cursos de formação de professores de biologia, certos

de que, se a alcançarmos, viveremos mais e melhor. Enquanto Descartes aplaude, Nietzsche (2014) se contorce ao lembrar mais uma vez que a consciência não nos convence em nada, já que ela é tão somente um efeito de superfície, uma invenção para nos estocar de memória e nos lembrar que somos cruéis, mas que podemos ser melhores que isso.

Na TV, nos livros didáticos de biologia, nas imagens e documentários sobre meio ambiente somos constantemente atravessados por um suposto mal que fazemos ao mundo e, simultaneamente, somos convidados a rever nossas escolhas e hábitos sob pena de ver a vida escorrer pelas mãos. Esse dito conflito entre homem (morte) *versus* natureza (vida) não só inventou uma oposição, mas um modo de vida em que temos o destruidor de um lado e o “objeto” a ser salvo de outro. Cabo de guerra da existência.

Salvar o mundo da destruição requer articulação, que implica a invenção de saberes que retifiquem atitudes e comportamentos inadequados em relação ao meio ambiente. Com Foucault (2008), lembramos que os discursos constituem práticas, produzem sujeitos e inventam os objetos de que falam. Esse modo de olhar sujeito e objeto escapa à tentação de olhar o que está por trás do que é dito e analisa como a realidade ambiental se institui pelo discurso midiático.

Quando a mídia se apropria do discurso destrutivo/salvacionista sobre o meio ambiente, ela, ao mesmo tempo que fala, faz também falar enunciados sobre a natureza-mãe-provedora, que “cuida” e, simultaneamente, deve ser cuidada para que continue provendo seus filhos dos recursos de que necessitam para viver. Ambientalistas, biólogos, educadores ambientais e pedagogos são autorizados a falar e a ensinar sobre o assunto e encontram força nos discursos religiosos e econômicos, por exemplo, que circulam pela mídia por meio dos documentários, charges, campanhas publicitárias e toda sorte de imagens que façam aterrorizar e, também, penalizar o homem. Aliás, a mídia é uma máquina de fazer reconhecermos a nós mesmos como a miséria/riqueza do mundo.

Assim, somos constituídos e vamos constituindo formas de pensar a vida baseados no que dizemos ser bom, útil e necessário à existência. Como nos dizem Negri e Hardt (2016, p. 29), “a mídia é constantemente responsiva a nossas preferências pessoais e, em troca, estamos constantemente atentos”. Em troca, sobram palavras de ordem e utopias acolhedoras.

Há toda uma biopolítica que, segundo Foucault (2005), controla o corpo da população ensinando-nos a viver e a morrer, mas principalmente a sobreviver, como diz Agamben (2002), na medida em que estamos na fronteira da mediocridade entre a vida e morte, nem vivos nem mortos. Controlamos as taxas de mortalidade, de natalidade, o que respirar, o que comer, o que preservar, o que matar, certos de que isso é o melhor para nós e para todos. Nunca fomos tão mortos-vivos e nunca estivemos tão capturados nos campos de concentração sofisticados, como os que o capitalismo inventa. Nesse processo, a mídia é central e decisiva para a produção biopolítica (Negri; Hardt, 2016).

Mas por que desfamiliarizar algo que é tão óbvio e urgente para nós como a preservação do meio ambiente? Por que dizemos com tanta certeza que o homem

é culpado pela destruição ambiental? Como estranhar a mídia se ela mostra nos discursos os “fatos reais”?

Discutir materiais sobre meio ambiente que circulam na mídia interessa porque eles carregam o peso de grandes expectativas, sobretudo a demonstração do “risco calculado”, segundo estatísticas fornecidas pela ciência e reforçadas nos enredos e legendas, a exemplo dos documentários. Enquanto artefato midiático, o documentário é uma forma potente de interpelar o olhar, ao mesmo tempo que cria práticas e atitudes ditas coerentes com a vida no planeta. Ele é, entre outras mídias, considerado uma importante ferramenta pedagógica no diálogo da consciência ambiental (Fuentes; Costa; Ruta, 2016; Ferreira; Limberger, 2017).

Pensando nessa perspectiva, no presente trabalho serão analisados os documentários *A última hora e Terra*, e duas charges vencedoras da I Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental,¹ que aconteceu no Brasil. Eles serão aqui tratados, mediante lentes foucaultianas, como importantes artefatos produtores e difusores da dita consciência ambiental. O documentário *A última hora*, narrado e produzido pelo ator Leonardo DiCaprio, mostra, por meio da fala de cientistas renomados como Stephen Hawking, um panorama de destruição e assolação da natureza supostamente causadas pelo homem, com enchentes, furacões, queimadas etc., e as possíveis reflexões/soluções vislumbradas para salvar o planeta. Já o documentário *Terra*, produzido por Yann Arthus-Bertrand e Michael Pitiot, convida a uma dita jornada para o nosso começo, traçando a história natural da humanidade e de nossa existência na Terra e como poderíamos mudar o curso dos chamados eventos catastróficos causados pelo homem.

Tais artefatos foram selecionados porque circulam mundialmente entre as mídias trabalhadas no ensino de biologia e, principalmente, em cursos de formação de professores de biologia, proferindo uma série de mecanismos promotores de uma suposta conscientização. Ao analisar os materiais, não nos interessa dizer o que motivou o discurso sobre a consciência ambiental. Não se trata de dizer de onde veio, nem o que está oculto sob as imagens, mas o que elas inventam e os efeitos que produzem (Albuquerque Júnior, 2011). Assim, não buscamos explicar nem interpretar os materiais, mas introduzir a dúvida e a suspeita acerca daquilo que assumimos como verdade sobre o ambiente. Talvez este não seja um texto agradável, mas não há preocupação com o desconforto, pois, de tanto viver no subsolo, descuidamo-nos do óbvio, mas é preciso desconfiar dele, abalá-lo e, quem sabe, rachá-lo.

Este artigo opera com um assunto muito caro a nós, que é a dita destruição do planeta e o modo pelo qual procuramos, com a educação ambiental, principalmente, transformar a suposta natureza destrutiva do homem por meio da consciência iluminadora. Assim, o argumento que defendemos é que a consciência ambiental opera como um potente governo do corpo da população, assumindo para si a responsabilidade de guiar o “rebanho” rumo à redenção/salvação do planeta.

¹ O objetivo da mostra, segundo o *site*, era o de “proporcionar um espaço de debate sobre Educação Ambiental, através do Humor Gráfico entre professores, estudantes, pesquisadores, cartunistas e a comunidade” (Mostra..., 2012).

...Então virá o fim?

Um raio ilumina o céu. Calotas polares derretem. A ventania leva o carro pelos areis. Mais uma pessoa nasce e mais indivíduos fogem das guerras. O fogo incendeia a floresta. O fogo resplandece o petróleo. As máquinas cavam cada vez mais fundo. Moscas passeiam pelo rosto do menino morto pela epidemia. O carro emite monóxido de carbono. As enxurradas levam as casas. Morros desabam. Mais gente morta. Raios iluminam o céu. Bombas explodem. Mais gente nasce. Ursos gritam. Milhares de frangos são abatidos no frigorífero. Mais fogo. Mais florestas destruídas. E ainda mais gente morta. Mais calotas derretem. Mais ventania... (Última..., 2007).

O documentário *A última hora* começa apresentando aquilo que costumamos chamar de presente. Entre cinzas e fumaça, olhamos angustiados o desfecho medonho do mundo até aqui. Impossível conter a paralisia e o terror diante de imagens tão convincentes, tão “reais”. O medo também é a possibilidade do controle da população, já que, no meio do furacão, o que mais queremos é uma solução plausível para o que nomeamos de caos. Nesse caso, mais de 50 cientistas falando e preenchendo as consciências de culpa talvez surta algum efeito.

A nossa biosfera está doente. Temos um planeta que se está a portar como um organismo infectado. Se virmos o planeta a partir do espaço, vimos imensas luzes. São as luzes do planeta Terra, as luzes das pessoas, mas também é como se estivéssemos a ver um organismo com uma infecção que está a formar uma crosta qualquer. Não só penso que a biosfera está com problemas, como sei que está. Basta olhar à minha volta, no ambiente em que vivo. O que ouço nos meus sonhos são as gerações futuras gritando, a dizer-nos: “O que estão fazendo? Será que não veem?” Os cientistas veem as provas. Os cientistas estão muito de acordo... Há um consenso na comunidade científica internacional. (Última..., 2007).

Vemos demais! A ciência não para de inventar modos pelos quais, supostamente, se evite a todo custo a tragédia, a crosta infecciosa. Uma previsão aqui, outra ali e o que temos é um “emaranhado lógico” tentando visibilizar certezas e caminhos para esse mundo. Quem questiona a ciência? Os cientistas? As estatísticas? Certamente não são aqueles que querem aprisionar a vida. E “aí se pensa que a melhor coisa que se tem a fazer é calar-se e interiorizar esses valores” (Guattari; Rolnik, 2010).

A bioestatística, para usar um termo da atualidade, é uma potente máquina de gerenciar a vida por meio dos números. Na ecologia, ela é base para toda avaliação e interpretação acerca do comportamento da natureza. É possível se perder entre variáveis e amostras que dizem o que precisa de intervenção para normalizar. Desse modo, a bioestatística desponta como uma ferramenta para medir, avaliar e administrar aquilo que convencionamos chamar de problemas ambientais e que entram em conflito com o ideal de vida esperado pelo ser humano (se é que temos a mínima noção do que esperamos...).

Mas a ciência sabe o que te espera...

A estimativa atual diz que a Terra aqueceu cerca de sete décimos de um grau centígrado. E mesmo se controlássemos o CO₂, as emissões de dióxido de carbono para o nível em que estão agora, a Terra ainda aqueceria mais

meio grau centígrado. Foi o suficiente para derreter 20% do gelo do Ártico. Foi o suficiente para acelerar e aumentar a duração dos furacões em 50%. Foi o suficiente para iniciar o degelo do gelo permanente por baixo da tundra em toda a região norte. No fim do século, se calhar, daqui a poucas décadas, o Ártico estará sem gelo. A ONU calcula que, em meados deste século, haverá 150 milhões de refugiados por causas ambientais, a qualquer altura, devido às alterações do clima. (Última..., 2007).

Como proteger os últimos antílopes Saigas quando a metade da espécie morre em menos de um mês em uma onda de calor? Poderemos evitar o desaparecimento dos últimos leões africanos vítimas de novas doenças, até então desconhecidas? O ritmo é 100 vezes mais rápido que o natural. Os fatores se combinam. Acrescentando a pressão do clima, as condições estão reunidas para a extinção massiva das espécies. Como não temer que depois dos animais, das plantas e outros seres vivos o próximo da lista não seja o homem? Então desta vez, fechamos de novo os olhos. Para sempre. (Terra, 2015).

Nosso território existencial está totalmente ligado aos números, às probabilidades do fim. No ensino de biologia, não temos falado de outra coisa senão da culpa do homem, das estatísticas, das soluções para mudar o mundo, da sobrevivência. É um roteiro enfadonho, batido e rebatido em nossas aulas sobre educação ambiental. E aliado a isso ainda temos as prescrições para a vida, um pouco de remédio para estancar a gangrena que se forma da infecção planetária.

A nossa resposta depende da evolução consciente da nossa espécie e essa resposta pode muito bem salvar este planeta azul único para gerações futuras. Portanto, vejo um mundo, no futuro, em que compreendemos que toda a vida está relacionada conosco e que temos de tratar essa vida com grande humildade e respeito. (Última..., 2007).

E, por fim, a evolução consciente, para fechar a sequência desastrosa do mundo. Presente e futuro se encontrando na tentativa de vislumbrar um caminho para as próximas gerações, já que não tem nada de novo no infinitivo das palavras. Em tempo: novidade é uma coisa muito rara no discurso midiático ambiental. Lidamos com a vida como se ela atendesse a uma hierarquia temporal. Cumulamos nossos alunos e as pessoas em geral de uma urgência que nem sabemos muito bem qual é, mas que temos certeza de que deve ser atendida.

Nós, posseiros do mundo, cuja existência é cada vez mais ameaçada (ameaçadora) e curta, somos convidados pela mídia a pensar sobre um meio ambiente que ainda pode ser livre da destruição, das doenças, do efeito estufa. Então, inventamos ambientes com modos de vida sustentável e controle total da vida através das estatísticas, da consciência para barrar o caos, enganar a morte e, enfim, (sobre) viver. Essa postura sobrevivencialista termina, então, com um espetáculo anêmico da vida se arrastando como sombra de si mesma (Sizek, 2003).

“Eu faço isso”, “não faço aquilo”, como se a consciência ditasse as regras. Enchemo-nos de bom senso e acreditamos, como Édipo, que o futuro já estava “traçado desde a maternidade” (Cazuza, 1985). Rapidamente criamos uma rede que representa e classifica o mundo para barrar os modos de vida ditos destruidores, porque eles se tornam um mal.

Nós, os sobreviventes, vamos separando o bem do mal, o certo do errado, privilegiando alguns modos de vida e desqualificando outros. Transformamos o homem em vilão (os empresários que o digam!) e vamos multiplicando imagens

pelas escolas, universidades e/ou qualquer lugar em que seja possível educar pensando no ambiente, como as que vemos a seguir (Figuras 1 e 2). Essas, entre outras imagens da Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental (2012), retratam sempre o ser humano (exclua-se o índio) na posição de vilania. Fábricas, madeireiras e afins são sempre aqueles empenhados na dita destruição.

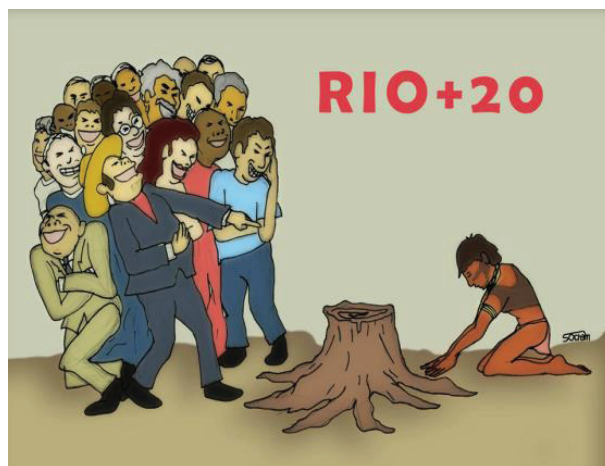


Figura 1 – Marcos Socram. [Sem título], 2012 (charge selecionada para a Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental)

Fonte: <<http://cpeasul.blogspot.com/search?updated-max=2012-09-24T21:40:00-07:00&maxresults=45&start=45&by-date=false>>.

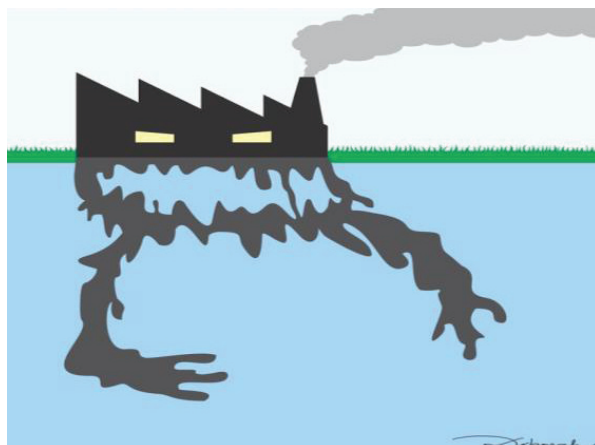


Figura 2 – Déborah Santos. [Sem título], 2012 (menção honrosa na Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental)

Fonte: <<http://cpeasul.blogspot.com>>.

Ressentidos, criamos uma espécie de nojo pelo homem. Nietzsche (2014) já alertava para esse perigo: a epidemia do “estar-farto”, que vai do desprezo à monstruosidade caricaturada nas imagens. Desde então ouvimos em nossas aulas frases como: “Acho que a única forma de o planeta se regenerar é com a extinção de nós, seres humanos!” ou “Sem a menor dúvida o ser humano foi a pior coisa que já existiu!”.

Mas a pergunta é: o que é desvalorizado aumenta nossa potência? Dificilmente nos perguntamos sobre isso, pois acreditamos que aquilo que pensa em nós, que nos privilegia, vai nos tornar pessoas melhores, mais organizadas, mais racionais e a racionalidade unifica o pensamento, ao colonizar feito bactéria. Será que a infecção planetária não vem disto? Longe de procurar antibióticos que curem, por que não conhecer a pluralidade de micróbios que nos povoa?

O fim não vem, o fim já é!

Não se sabe o destino de Édipo... Se foi exilado, se continuou no palácio ou se vagou pelo mundo cego e triste. O oráculo não ousou dizer. Talvez, depois de Édipo, ele tenha se ocupado de inventar outros meios de atormentar os pobres mortais, além de pesar as consciências de culpa e ressentimento. Cansado das inúmeras demandas individuais, pareceu bem ao oráculo anunciar de uma só vez o mesmo destino a todos: "Faça isso, não faça aquilo, senão o planeta vai desaparecer para as próximas gerações".

Depois disso, o apocalipse já aconteceu várias vezes; já morremos várias vezes e de muitas formas, em livros, filmes, animações, documentários, charges e numa infinidade de imagens que nos cercam. O mundo vive de se acabar! O futuro não é algo que virá, o futuro já está acontecendo, na medida em que já sabemos o que as estatísticas, nosso oráculo do presente, têm a dizer. Nossa consciência nunca foi ausente, pelo contrário, sempre padecemos do excesso dela. "Um pouco de tábua rasa!", já dizia Nietzsche (2014), e talvez tivéssemos conversas mais interessantes sobre a vida e o meio ambiente no ensino de biologia.

O que nos fez proprietários de uma vida já (pr)escrita, que desejamos a nós e a todos, foi o fato de sabermos muito. Todos sabemos muito bem lidar com o mundo. Enfileiramos o rebanho de tal modo que qualquer ovelha desgarrada se sente culpada diante da possibilidade de enxergar mais do que poderia. Aquilo que chamamos de normalidade custa caro, mas pagamos e nos sentimos confortáveis sendo biopolitizados. Investimos na proteção, num mundo sem ameaças, num mundo que vai nos encapsular, nos absorver.

Como não somos o tipo de animal que esquece, pois acumulamos lembranças, codificamos a experiência e a tornamos universal, marcamos os corpos do rebanho e vamos distribuindo modos de ver e estar no mundo como se fosse remédio para dor. Assim, nada de novo emerge, tudo parece o mesmo. A experiência então vira um estado controlado como se faz no laboratório. Mas pra que tanto sacrifício para controlar, manter, preservar, se no mundo, como dizia Heráclito, a única coisa que permanece é a mudança?

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, G. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.
- BARRENECHEA, M. A. *Nietzsche e o corpo*. Rio de Janeiro: 7letras, 2009.
- CAZUZA. Exagerado. In: CAZUZA. *Exagerado*. Rio de Janeiro: Som Livre, 1985.
- DESCARTES, R. *Discurso do método: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores).
- FERREIRA, E. G. S.; LIMBERGER, D. C. H. Vídeo-documentário como ferramenta sensibilizadora de educação ambiental, nos Butiazais de Tapes (RS). *Revista Eletrônica Científica da UERGS*, Porto Alegre, v. 3, n. 4, p. 764-775, 2017.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FUENTES, N. M. M.; COSTA, R. N.; RUTA, C. Cinema e educação ambiental no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba: reflexões e práticas interdisciplinares e transversais. *Educação & Sociedade*, v. 37, n. 136, p. 893-911, jul./set. 2016.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- INCERTI, F. O nascimento do inquérito na tragédia de "Édipo-Rei": uma leitura foucaultiana. *Kriterion: Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, v. 57, n. 134, p. 545-564, maio/ago. 2016.
- MARTON, S. *Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Discurso; Ijuí: Unijui. 2001.
- MOSTRA INTERNACIONAL DE HUMOR SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 1., 2012, Rio Grande. 2012. Disponível em: <<http://cpeasul.blogspot.com/p/1-mostra-de-humor-sobre-educacao.html>>. Acesso em: 29 out. 2018.
- NEGRI, A.; HARDT, M. *Declaração: isto não é um manifesto*. São Paulo: n-1 Edições, 2016.
- NIETZSCHE, F. *Ecce homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- ONATE, A. M. *O crepúsculo do sujeito em Nietzsche ou como abrir-se a filosofar sem metafísica*. São Paulo: Discurso, 2000.

PESSOA, Fernando. *Poesias inéditas (1930-1935)*. [Nota prévia de Jorge Nemésio]. Lisboa: Ática, [1955] 1990.

SANTOS, D. [charge sem título]. In: MOSTRA INTERNACIONAL DE HUMOR SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 1., 2012, Rio Grande. 2012. Disponível em: <<http://cpeasul.blogspot.com/2012/09/premiados-da-1-mostra-internacional-de.html>>. Acesso em: 29 out. 2018.

SILVA, F. L. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 2006.

SIZEK, S. *Bem-vindo ao deserto do real*. São Paulo: Boitempo, 2003.

SOCRAM, M. [charge sem título]. In: MOSTRA INTERNACIONAL DE HUMOR SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 1., 2012, Rio Grande. 2012. Disponível em: <<http://cpeasul.blogspot.com/search?updated-max=2012-09-24T21:40:00-07:00&max-results=45&start=45&by-date=false>>. Acesso em: 29 out. 2018.

TERRA. [Documentário]. Direção de Yann Arthus-Bertrand. Produção de Yann Arthus-Bertrand e Michael Pitiot. Paris: EurpoaCorp, 2015. (120 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=31P-XBa48K8>>. Acesso em: 22 de nov. 2018.

ÚLTIMA hora, A. [Documentário]. Direção de Nadia Conners e Leila Conners. Produção de Leonardo DiCaprio, Leila Conners, Chuck Castleberry, Brian Gerber. Burbank: Warner Independent Pictures, 2007. 1 filme (95 min).

160

Lêda Valéria Alves da Silva, mestre e doutoranda em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Pará (UFPA), atuou como professora substituta nessa universidade de 2012 a 2014.

leda_valeria@yahoo.com.br

Sílvia Nogueira Chaves, doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (UFPA), coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa Cultura e Subjetividade na Educação em Ciências, do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGECM/UFPA), no qual é docente. Atua como vice-presidente da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBIO) e editora da *Revista Experimentart*. É associada à Universidade Livre de Autobiografia de Anghiari, Itália.

snchaves@yahoo.com.br

Recebido em 6 de julho de 2018

Aprovado em 15 de agosto de 2018